

## “THE WALDO MOMENT”: DIREITO, SOCIEDADE EM REDE E CRISE DE LEGITIMIDADE DEMOCRÁTICA NA SÉRIE “BLACK MIRROR”

### “THE WALDO MOMENT”: LAW, NETWORK SOCIETY AND DEMOCRATIC LEGITIMACY CRISIS IN THE SERIE “BLACK MIRROR”

Marina Paiva Alves<sup>1</sup>

**Resumo:** Este ensaio busca expor algumas das características relevantes da crise de legitimidade democrática na obra “Ruptura” de Manuel Castells, a partir de percepções observadas no episódio “The Waldo Moment” da série britânica “Black Mirror”. Assim, por meio do método de pesquisa fenomenológico hermenêutico, busca-se evidenciar como se desenvolve a crise de legitimidade democrática na sociedade em rede e como o episódio de Black Mirror expôs essa questão, fazendo aproximações com os processos eleitorais recentes nos Estados Unidos e no Brasil. Para isso, em um primeiro momento narra-se resumidamente a trama envolvendo o personagem Waldo, destacando as similitudes entre o ocorrido na ficção e o exposto nos estudos do sociólogo Castells. A seguir, passa-se à uma concisa exposição dos recentes processos eleitorais americano e brasileiro, destacando os pontos-chave que guardam conexão com a problemática.

**Palavras-chave:** crise da legitimidade democrática; law; network society.

**Abstract:** This essay seeks to expose some of the relevant characteristics of the crisis of democratic legitimacy in Manuel Castells' work "Rupture", from the perceptions observed in the episode "The Waldo Moment" of the British series "Black Mirror". Thus, through the hermeneutic phenomenological research method, we seek to highlight how the crisis of democratic legitimacy in the network society develops and how the Black Mirror episode exposed this issue, making approximations with the recent electoral processes in the United States and Brazil. For this, at first we briefly narrate the plot involving the character Waldo, highlighting the similarities between what happened in the fiction and what was exposed in the studies of the sociologist Castells. The following is a concise exposition of the recent American and Brazilian electoral processes, highlighting the key points that keep connection with the problem.

**Key-words:** democratic legitimacy crisis; law; network society.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Direito pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: [marina0297@gmail.com](mailto:marina0297@gmail.com). CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0757962835030632>.

## 1 INTRODUÇÃO

O debate acerca da democracia é atemporal e necessário, tendo em vista que as instituições democráticas são constantemente influenciadas e modificadas pelos avanços que ocorrem no mundo atual e globalizado, de modo a reinventar-se constantemente.

A tão falada globalização não se trata de um fenômeno simples, tampouco estático, pois através dela se interconectam os setores mais relevantes e de maior influência no cotidiano dos Estados-nações.

Por meio da formação destas redes de interconexão as questões globais tomam o lugar de questões locais e esse processo atinge as populações de maneiras desiguais e descoordenadas.

A medida que as práticas de governança se tornam cada vez mais complexas, torna-se mais desafiador a manutenção de sistemas políticos estagnados e a democracia precisa moldar-se às necessidades que surgem a partir disso.

O fazer democrático sofreu diversas transmutações a medida que as mídias, as redes sociais e a internet alcançaram um importante e inevitável papel na vida de maior parte das pessoas.

Hoje os cidadãos estão mais exigentes, possuem maior acesso à informação e também dispõem de meios mais fáceis de demonstrar sua indignação com governos e instituições.

Nesse sentido, para que a democracia permaneça existindo, é necessário não somente que ela se reinvente e evolua conforme as necessidades que se apresentam, mas também, e aqui está o cerne da discussão da crise que abordaremos, que os cidadãos se sintam representados por ela através de seus governantes.

A escolha do episódio “The Waldo Moment” para reflexão acerca de democracia e crise de legitimidade democrática tem duas justificativas.

A primeira delas se dá justamente pela temática que permeia toda série, ao abordar a influência e o impacto da tecnologia e da internet, temas que são fundamentais para o estudo da sociedade em rede e estão presentes ao longo de toda obra do autor Manuel Castells, teórico que embasa este estudo.

A segunda tem relação direta ao tema abordado no episódio em questão que, ao retratar a candidatura de um personagem de desenho animado ao Parlamento britânico, escancara o descrédito da sociedade na política tradicional e, mais que isso, demonstra que os eleitores estão receptivos à ideia de eleger como representantes figuras que não possuem qualquer programa

político ou de governo, desde que demonstrem se opor àqueles que tradicionalmente já estão no poder.

A crise da legitimidade democrática se dá justamente quando os cidadãos não mais se sentem representados e, conforme já mencionado, cabe aqui uma “reinvenção” da democracia. Contudo, o que preocupa-nos são as consequências da ausência desse sentimento representatividade.

O descontentamento com os governantes e instituições aumenta, os processos por trás do jogo político, da economia de mercado e das organizações estatais são complexos e não compreendidos por boa parcela da sociedade. E, à medida que esse descontentamento aumenta o que se observa é uma mobilização em torno daquilo que é semelhante, conhecido. As pessoas buscam refúgio naquilo que as identifica, seja sua religião, sua etnia, seu idioma, sua cor.

Em “Ruptura” Manuel Castells desenvolve a ideia de que, ao passo que a crise de legitimidade democrática se agrava, o resguardo em identidades próprias se intensifica e dá margem a discursos que alimentam o medo pelo diferente e colocam o “outro” na posição de inimigo.

O surgimento e expansão de grupos de supremacia branca, o repúdio aos imigrantes e refugiados, os discursos de ódio e a violência contra LGBTs e mulheres, têm encontrado espaço e respaldo em “novos” políticos que passaram a se valer destes discursos para alcançar o poder.

A eleição de Donald Trump - a qual Castells dedica parte de sua análise - demonstrou um descontentamento com a ordem política vigente nos Estados Unidos, mas também deu voz ao racismo, xenofobia, LGBTfobia e machismo pré-existentes, que agora passaram a ser “legitimados” pelo líder nacional.

Resguardadas as devidas considerações, um processo semelhante aconteceu no pleito eleitoral de 2018, no Brasil. A popularização do candidato eleito Jair Bolsonaro na internet até sua chegada à Presidência da República também são indícios de que a crise de legitimidade democrática avança não somente nos Estados Unidos e na Europa, mas também desembarca na América Latina.

Sendo assim, o que se busca no presente ensaio é evidenciar como se desenvolve a crise de legitimidade democrática na sociedade em rede e, a partir o episódio da série Black Mirror expor essa questão, fazendo aproximações necessárias com os processos eleitorais recentes nos Estados Unidos e no Brasil.

Nesse sentido, em um primeiro momento narra-se resumidamente a trama envolvendo o personagem Waldo, destacando as similitudes entre o ocorrido na ficção e o exposto nos estudos do sociólogo Castells.

A seguir, passa-se à uma concisa exposição dos recentes processos eleitorais americano e brasileiro, destacando os pontos-chave que guardam conexão com a problemática e concluindo que a crise de legitimidade democrática é um fenômeno em ascensão e que tem alterado a forma de fazer política e influenciado mudanças nas mais diversas instituições democráticas globais.

Para tanto, o método de pesquisa aqui empregado foi o fenomenológico hermenêutico. Ressalta-se, contudo que “método” aqui não possui o conceito fechado e racional das ciências exatas, pois o objetivo que buscamos é criar uma rede de significações através das quais seja possível interpretar os conceitos e fenômenos estudados.

Ainda, o método procedimental empregado foi o histórico, através do qual propusemos analisar as raízes de determinados acontecimentos que influem na sociedade atual e, por fim, a principal técnica de pesquisa utilizada foi a bibliográfica.

## **2 “THE WALDO MOMENT” E A CRISE DA LEGITIMIDADE DEMOCRÁTICA NA SOCIEDADE EM REDE**

A série de televisão britânica *Black Mirror* retrata as implicações decorrentes do uso indiscriminado da tecnologia, sua crescente ascensão e as consequências desse fenômeno.

Em sua segunda temporada, o episódio de número três, intitulado “The Waldo moment”, conta a história de Jamie, um comediante em decadência que é responsável por criar o personagem Waldo, um urso azul.

A trama ocorre durante o período de eleições para o parlamento inglês e, nesse contexto, Jamie e sua equipe veem a oportunidade de popularizar Waldo. Por meio de críticas e insultos direcionados a um dos candidatos favoritos à eleição - Liam Monroe – e sustentando um discurso de que o mundo não precisa de políticos, o urso azul passa a ser adorado pelo povo.

Em dado momento a popularidade de Waldo se torna tão alta que a equipe resolve candidatá-lo às eleições parlamentares. Ocorre que a candidatura de Waldo – apenas uma jogada de marketing – é realmente levada a sério, o que jamais era esperado por Jimmy e seus companheiros.

Afinal, como era possível que a população estivesse apoiando um candidato sem argumentos ou propostas, que apenas insultava seus oponentes? Ainda que houvessem tentado convencer as pessoas a não votarem no desenho animado, o personagem se torna uma figura

política perfeita para aqueles que já não se veem mais representados pelos políticos “tradicionais”. Ao fim da corrida eleitoral Waldo não vence, porém recebe uma quantidade avassaladora de votos.

Embora a maneira satirizada em que a questão da ausência de representatividade política é representada na série, diversas reflexões podem ser feitas a partir do sucesso de Waldo entre os eleitores. Resta evidente no episódio a insatisfação de boa parcela da comunidade com os políticos tradicionais, o que, por certo, também faz parte do processo democrático.

O problema surge quando figuras que propagam discursos de ódio e críticas sem conteúdo passam a protagonizar esses espaços. A credibilidade adquirida por esse tipo de fazer político demonstra não só que vivemos uma crise de legitimidade democrática, mas que as consequências desse colapso podem ser danosas à democracia como instituição.

Nesse estudo a análise dessa crise se dá no contexto da sociedade em rede, a partir da abordagem de Manuel Castells. Segundo o autor, a crise da democracia liberal resulta de um conjunto de processos (Castells, 2003, p.7) dentro os quais destaca-se a globalização da economia e da comunicação.

Nesse tocante, cabe destacar que a globalização consiste em uma rede global de redes globais nas quais se integra o essencial das finanças, da economia, da comunicação, do poder, da ciência e da tecnologia. Nelas se concentram o poder, a riqueza e a capacidade comunicativa. (Castells, 2018, s/n).

Não cabe aqui descrever minuciosamente o fenômeno da formação de redes, porém salienta-se que estes complexos processos por trás da globalização não são compreendidos por todos de forma igual. Isso porque somente camadas mais abastadas da sociedade possuem domínio acerca dos métodos por trás das redes globais que perpassam todas as atividades relevantes no mundo atual e globalizado.

Assim, ao passo que que os sistemas políticos estão mergulhados em uma crise estrutural de legitimidade (Castells, 2005, p. 41), quanto menos controle as pessoas têm sobre o mercado e sobre seu Estado, mais se recolhem numa identidade própria que não possa ser dissolvida pela vertigem dos fluxos globais (Castells, 2018, s/n).

Para maioria dos humanos, carentes de capacidade institucional de ação sobre os programas que governam tais redes, o sentido de suas vidas provém de sistemas culturais específicos construídos por uma experiência comum: seus territórios, idiomas, suas culturas e histórias próprias, seu grupo étnico, sua nação, sua religião (Castells, 2018, s/n). Nesse sentido:

Em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca de identidade e, em especial a identidade religiosa e étnica tem sido a base do significado desde os primórdios da sociedade humana. No entanto, a identidade está se tornando a principal e, às vezes, única fonte de significado em um período histórico caracterizado pela ampla desestruturação das organizações, deslegitimação das instituições, enfraquecimento de importantes movimentos sociais e expressões culturais efêmeras. (Castells, 2005, p.41)

Entende-se aqui por identidade “o processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais.” (Castells, 2005, p. 57). Ou seja, o processo de recolhimento em identidades próprias acaba por rejeitar aqueles considerados “diferentes”, atitude essa que não condiz com o ideal democrático.

Os setores mais vulneráveis da sociedade, aqueles que não possuem domínio acerca dos processos por detrás das redes globais, são movidos pelo medo e se mobilizam em torno daqueles que dizem aquilo que o discurso das elites não lhes permite dizer (Castells, 2018, s/n) como forma de proteção de sua identidade e suas crenças.

Isso representa a crise da legitimidade democrática, pois tal discurso propõe o que Castells chama de “volta ao início”:

Voltar ao Estado como centro da decisão, acima das oligarquias econômicas e das redes globais. Voltar à nação como comunidade cultural da qual são excluídos os que não compartilham valores definidos como originários. Voltar à raça como fronteira aparente do direito ancestral da etnia majoritária. Voltar, também, à família patriarcal, como fundamento. E, nesse processo, reconstruir as instituições de coexistência em torno desses pilares herdados da história e agora ameaçados pela transformação multidimensional de uma economia global, uma sociedade de redes, uma cultura de mestiçagem e uma política de burocracias partidárias. (Castells, 2018,s/n).

A prática de volta ao início leva a discursos odiosos que estão transformando as instituições e as práticas de governança, pois dão brecha a agendas políticas abertamente pautadas no racismo, na xenofobia, no machismo e na LGBTfobia, sob o argumento de que esta é a forma de opor-se à globalização.

Nesse tocante, considerando que “a democracia se constrói em torno das relações de poder social que a fundaram e vai se adaptando à evolução dessas relações, mas privilegiando o poder que já está cristalizado nas instituições”, não é possível afirmar que ela é representativa a menos que os cidadãos se sintam representados (Castells, 2018, s/n):

.A desconfiança nas instituições, em quase todo o mundo, deslegitima a representação política e, portanto, nos deixa órfãos de um abrigo que nos proteja em nome do interesse comum. Não é uma questão de opções políticas, de direita ou esquerda. A ruptura é mais profunda, tanto em nível emocional quanto cognitivo. Trata-se do colapso gradual de um modelo político de representação e governança: a democracia liberal que se havia consolidado nos dois últimos séculos, à custa de lágrimas, suor e sangue, contra os Estados autoritários e o arbítrio institucional. (Castells, 2018, s/n).

O que se vê, na ficção de Black Mirror e nos processos eleitorais recentes é um desencanto nessa forma de democracia, ainda que se defenda o ideal democrático. E, se for rompido o vínculo subjetivo entre o que os cidadãos pensam e querem e as ações daqueles a quem elegemos e pagamos, produz-se o que denominamos crise de legitimidade democrática (Castells, 2018, s/n).

O que preocupa-nos, contudo, é que desse desencanto nascem comportamentos sociais e políticos que, além de transformarem as práticas de governança e instituições, ameaçam as minorias já historicamente vulneráveis, porém agora com o apoio dos novos governantes recentemente eleitos.

### **3 WALDO DESEMBARCA NO BRASIL: A RUPTURA NO PROCESSO ELEITORAL DE 2018**

Em “Ruptura”, o autor Manuel Castells desenvolve suas pesquisas acerca da crise da legitimidade democrática na sociedade em rede, desde suas raízes até os recentes processos ocorridos nos Estados Unidos e na Europa.

Castells dedica um dos subcapítulos à análise do processo de ascensão ao poder americano de Donald Trump, desde sua campanha eleitoral até sua impressionante vitória nas urnas.

Ainda que os processos eleitorais americano e brasileiro possuam peculiaridades, essa análise é fundamental para entender a profundidade da crise da democracia liberal e perceber suas consequências. (Castells, 2018)

A lógica de “volta ao início” serviu a Donald Trump. Sua principal promessa de campanha foi a construção de um muro intransponível entre Estados Unidos e México, seguindo uma pauta extremamente xenófoba, mas que expressou o pensamento de muitos.

Não somente os imigrantes foram alvos dos seus insultos daquele que se tornaria presidente da maior potência mundial. Quando suas opiniões ofensivas sobre as mulheres se tornaram públicas, o fervor de seus seguidores e seguidoras as minimizou como brincadeiras. (Castells, 2018).

O papel das mídias e das redes sociais foi de suma importância para que o bilionário americano se destacasse durante a campanha eleitoral:

Trump entendeu, por sua própria experiência midiática, que o essencial é estar na mídia, sobretudo na televisão, mesmo que seja de forma negativa. Foi essa presença constante que monopolizou a discussão em torno dele, de sua pessoa, do que se dizia dele e do que ele respondia. (Castells, 2018)

Trump deu voz e força a grupos de extrema direita, bem como garantiu o voto daqueles que não estavam mais satisfeitos com a política à época, ainda que não compactuassem por completo com suas opiniões “polêmicas”. Dois anos depois, algo semelhante aconteceria na América Latina.

Para compreender a crise da democracia liberal no Brasil - que tem como ponto crucial a eleição de Jair Bolsonaro - é necessário perceber que, diferente dos Estados Unidos, aqui falamos de um país emergente, que experienciou recentemente a inclusão via consumo e a diminuição da desigualdade social.

Nesse sentido, em estudo realizado com jovens da periferia de Porto Alegre -RS, Rosana Pinheiro Machado e Lucia Mury Scalco analisam a ascensão do bolsonarismo desde as eleições de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2003.

As autoras destacam que, por meio da inclusão financeira, especialmente via consumo, as pessoas de grupos de baixa renda desfrutaram pela primeira vez de várias oportunidades e que, o Brasil não apenas resistiu à crise econômica internacional de 2008, mas também atingiu seu pico de crescimento econômico em 2010 (Machado e Scalco, p. 4, 2018).

Ainda, ao mencionar as pesquisas de Karl Polanyi e Li Zhang, Machado e Scalco ressaltam que a entrada de sujeitos na economia de mercado produz um duplo movimento, à medida que também resulta na produção de sujeitos mais demandantes, consciente ou exigentes (Machado e Scalco, 2018, p.6.)

Dessa forma, no longo prazo, esse crescimento se demonstrou insustentável:

O crescimento do Brasil baseado, entre outras coisas no incentivo do consumo doméstico, se demonstrou insustentável no longo prazo. Em 2014, o País adentrou em uma das piores crises da história. Após dois anos de convulsões políticas e econômicas, o impeachment da Presidenta Dilma Rousseff e a consequente agenda de austeridade adotada por Michel Temer culminou em sensação de desamparo social. Não só as pessoas deixaram de consumir como outrora, como também deixaram de receber diversos benefícios do governo federal. (Machado e Scalco, p.7 2018).

É aqui que os setores mais vulneráveis da sociedade, aqueles que não dominam os processos por trás da economia, da política e demais fenômenos globais que integram a sociedade em rede e globalizada passam a se mobilizar em busca de uma contra-resposta ao que vivenciam e aos políticos os que os representam.

Machado e Scalco destacam como fator decisivo para a formação de uma juventude bolsonarista justamente a perda de protagonismo social e a sensação de desestabilização da masculinidade hegemônica. (Machado e Scalco, 2018, p.9)

O “Waldo” brasileiro não somente demonstrou semelhanças com o personagem da ficção na campanha eleitoral, mas também demonstrou - e vem demonstrando ao longo de seu governo - sua grande inspiração no presidente estadunidense Donald Trump. Tido como inofensivo antes do processo eleitoral, Bolsonaro era descrito como “engraçado”, alguém que “falava o que todo mundo pensa”, porém com poucas chances de ascensão à presidência.

À medida que suas opiniões foram minimizadas, o candidato passou a ganhar destaque, especialmente na internet. As redes sociais e grupos de WhatsApp foram protagonistas de sua campanha eleitoral, destacando-o entre os demais adversários.

A “volta ao início” também serviu a Jair Bolsonaro. Enquanto por um lado o candidato já era cativo de uma parcela elitizada da sociedade, que alimentava o sentimento de ódio ao Partido dos Trabalhadores, por outro ganhava o espaço entre os jovens e as classes menos favorecidas, desacreditadas após a crise econômica que retirou as oportunidades anteriormente conquistadas.

Ainda, como dito anteriormente, a crise da legitimidade democrática - de um modo geral - gera um discurso de medo e aversão ao diferente, espaço favorável para um candidato afeito à militarização e aparelhamento da polícia, ao armamento e ao “combate” da violência a qualquer preço como Bolsonaro.

Nesse sentido, após essas breves considerações, ainda que Manuel Castells tenha analisado a crise da legitimidade democrática na sociedade em rede a partir do ocorrido nos Estados Unidos e na Europa, é possível perceber que o pleito eleitoral de 2018 guarda muitas similitudes com os processos ocorridos nesses locais, demonstrando que a instabilidade das instituições democráticas não é mais um fenômeno local:

A crise dessa velha ordem política está adotando múltiplas formas. A subversão das instituições democráticas por caudilhos narcisistas que se apossam das molas do poder a partir da repugnância das pessoas com a podridão institucional e a injustiça social; a manipulação midiática das esperanças frustradas por encantadores de serpentes; a renovação aparente e transitória da representação política através da cooptação dos projetos de mudança; a consolidação de máfias no poder e de teocracias fundamentalistas, aproveitando as estratégias geopolíticas dos poderes mundiais; a pura e simples volta à brutalidade irrestrita do Estado em boa parte do mundo, da Rússia à China, da África neocolonial aos neofascismos do Leste Europeu e às marés ditatoriais na América Latina. E, enfim, o entrincheiramento no cinismo político, disfarçado de possibilismo realista, dos restos da política partidária como forma de representação. Uma lenta agonia daquilo que foi essa ordem política. (Castells, 2018, s/n)

A crise da legitimidade democrática existe e já desembarcou em terras brasileiras, cabe a nós – e aqui “nós” tem por significado aqueles que lutam por uma democracia plural e igualitária - mobilizar-nos a fim de enfrentar as suas consequências já operantes.

#### 4 CONCLUSÃO

Assim como o debate acerca da democracia é atemporal e necessário, ele também não é estanque. Várias considerações podem ser feitas a partir do que delineou-se como a crise da legitimidade democrática. Contudo, à medida que o tema é dissecado, surgem tantos questionamentos acerca dessa problemática.

O estudo aqui realizado tampouco se propôs a responder estes questionamentos, mas sim expor essa questão central e incentivar as infindas reflexões a partir disso. Todavia, alguns aspectos podem ser pontuados.

Em primeiro lugar é necessário que compreendamos o contexto em que está inserida essa crise, qual seja a sociedade em rede globalizada. A partir desse ponto de partida, compreendemos que existem desafios a serem transpostos, à medida que as práticas de governança se tornam cada vez mais complexas, o fazer democrático sofre transmutações e,

paralelamente a isso encontramos cidadãos mais exigentes e conscientes de seu papel no fazer democrático.

É nesse sentido que concluímos que não é possível a manutenção de sistemas políticos estagnados. A democracia necessita reinventar-se para atender as demandas locais e globais que se apresentam, pois, sem isso, passamos ao descontentamento de governados em relação a seus governantes e instituições, o que culmina na então crise de legitimidade democrática.

Sabidas as raízes dessa crise, passamos a analisar quais são suas consequências e, a partir do que observamos em “The Waldo Moment”, nos ensinamentos de Castells e nos processos eleitorais americano e brasileiro, é possível aferir que a ausência de legitimidade dos políticos “tradicionais” deu espaço a novos protagonistas.

A renovação de “rostos” na política poderia ser vista com bons olhos, levando em consideração a conclusão de que a democracia necessita deste “reinventar-se”. Contudo, a eleição presidencial de Donald Trump nos Estados Unidos e Jair Bolsonaro no Brasil demonstrou que eleitores estiveram receptivos à ideia de eleger como representantes figuras que não demonstraram em sua campanha eleitoral programas políticos e de governo sólidos, tampouco experiências em cargos de tamanha importância.

A ascensão deste tipo de figura política tem origem não somente na crise de legitimidade democrática por si só, mas no movimento de “voltar ao início” a que ela leva. Assim, afirmamos que o descrédito nos governos e nas instituições gerou e gera o refúgio em identidades próprias que, quando conduzido da maneira equivocada, culmina em racismo, xenofobia, machismo, lgbtphobia, entre tantos outros preconceitos.

Castells, assim como Machado e Scalco ensinaram-nos que a perda de protagonismo, e o sentimento de medo e incompreensão sobre os processos que delineiam levam à compra de um discurso que coloca o outro como inimigo e alimenta o medo do “diferente”.

A partir do momento que esses discursos são proferidos e legitimados por personalidades de grande prestígio, eleitas democraticamente pelo povo, caminhamos na direção contrária do que se espera de uma sociedade democrática: plural, igualitária, cosmopolita.

Por fim, perguntemo-nos: quantos Waldos ainda serão eleitos e até quando se manterão no poder antes que a democracia se “reinvente”? Essa é uma questão sem resposta, porém, assim como os ursos azuis têm conquistado espaços, o que espera-se é a mobilização de movimentos sociais e instituições defensoras da democracia que enfrentem essa onda de opressão, afinal, calar-se não é uma opção.

## REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. *Ruptura: a crise da democracia liberal*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. Disponível em <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788537817674/> Acesso em: 03 de nov. de 2019

CASTELLS, Manuel. *Sociedade em rede: Volume 1*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

MACHADO, Ronsane Pinheiro, SCALCO, Lucia Mury. Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo. *Cadernos IHU ideias*, São Leopoldo, v. 16, nº 278, 2018.

Disponível em:

<http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/278cadernosihuideias.pdf> Acesso em: 03 de nov. de 2019